

HELENA CHAGAS



de Brasília

FHC

A outra Copa

• O presidente Fernando Henrique vai manter distância regulamentar da bola nesta Copa do Mundo. Assistirá aos jogos, como todo brasileiro, mas não vai fazer estardalhaço nem posar de torcedor fanático — mesmo porque não deve se arriscar a passar por pé-frio. Tudo bem, já que futebol nunca foi mesmo a praia do professor FH. Por estranho que pareça, porém, no calendário político-eleitoral a Copa terá sua função.

Com as atenções do país concentradas em Lésigny, a polarização da campanha pode entrar numa espécie de congelamento. Fernando Henrique vai aproveitar para correr atrás do prejuízo na montagem dos palanques estaduais e recompor seu condomínio partidário.

As dificuldades detectadas pelas últimas pesquisas — registrando que em estados como Rio, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Sergipe estaria perdendo para Luiz Inácio Lula da Silva — estão forçando o Palácio do Planalto a rever estratégias e atuar de forma mais incisiva nos estados.

Da distância cômoda de quem podia dar-se ao luxo de ter dois ou mais palanques de aliados para pisar em cada estado, FH passou a monitorar passo a passo a negociação das alianças. Às vésperas das convenções, que começam a partir da próxima semana, tornou-se fundamental armar as jogadas locais. Afinal, em alguns estados a lógica pode se inverter. Não seriam mais os candidatos a governador a precisar desesperadamente do apoio presidencial. O inverso também pode valer.

Alguns casos críticos ocupam as atenções do presidente e de seus auxiliares. Minas Gerais, segundo maior colégio eleitoral do país, foi a estrela da semana. Depois de o ex-presidente Itamar Franco ter assumido a candidatura com força de favorito, ficou claro que FH se dará por satisfeito com a neutralidade do antecessor. Que, nesse caso, seria Itamar não fazer aliança com o PT e, numa chapa com o PFL, não atingir o presidente com sua artilharia. Em troca, teria a neutralidade de Fernando Henrique — que abandonaria o governador Eduardo Azeredo à própria sorte.

A tumultuada Alagoas foi outra preocupação estadual da semana. Fernando Henrique tentou pessoalmente demover o presidente do PSDB, Teotônio Vilela, da candidatura a governador. Assim como teme que a campanha mineira acabe num confronto entre ele e Itamar, o presidente se preocupa com a “federalização” da eleição alagoana. Sabe que é isso que quer o ex-presidente Fernando Collor e estará na linha de tiro com a candidatura de um tucano tão próximo.

Até quarta-feira à noite, FH trabalhava por um acordo entre os tucanos de Alagoas e o PMDB do governador Manoel Gomes de Barros e do ministro da Justiça, Renan Calheiros. Teria, assim, um palanque forte no estado para se contrapor a Collor, que lançou candidato

o primo Euclides Mello, e a Lula, que será apoiado pelo candidato do PSB, Ronaldo Lessa, até agora o favorito nas pesquisas. A articulação falhou, pois não conseguiu convencer Teotônio a se retirar da disputa.

A agenda estadual de Fernando Henrique incluiu café da manhã de mais de uma hora com o ex-prefeito Paulo Maluf e a garantia de que, em seu estado, o presidente continua bem plantado nas candidaturas do PPB e do PSDB de Mário Covas.

A radicalização precoce da campanha e a polarização com Lula podem forçar mais acordos estaduais. No Amazonas, o PSDB está deixando o palanque oposicionista de Serafim Corrêa e admite se compor com o ex-arquiinimigo Amazonino Mendes, candidato à reeleição pelo PFL.

O PMDB é outro personagem central dos bastidores da Copa. As cobranças feitas ontem pelo presidente à cúpula do partido em encontro no Alvorada não afastaram o risco real de os peemedebistas, na convenção de junho, ensaiarem novamente o discurso da candidatura própria. Desta vez, com outro nome: José Sarney.

Sarney está quieto, mas no Palácio do Planalto se tem forte impressão de que o ex-presidente está disposto a puxar a corda para seu lado. A decisão dos peemedebistas de encomendar pesquisa sobre o quadro sucessório deixou Fernando Henrique de sobreaviso.

Como, segundo seus próprios amigos, Sarney não é de correr risco à toa e prefere fazer gol de pênalti, com o goleiro amarrado, tudo vai depender dos números das próximas semanas. Por isso, a estratégia discutida no Alvorada é antecipar do fim de junho para o quanto antes a convenção nacional peemedebista. No momento, acreditam os governistas, é possível segurar a boia-da. Depois, ninguém sabe.

O PTB, outro problema do condomínio, não chega a deixar o presidente sem dormir. É o quinto e último partido da coligação de FH e o que tem menos tempo a oferecer na televisão: quatro minutos. Mas o esforço de recomposição está sendo feito porque o presidente, se não perde grande coisa, também não gostaria de ver esses poucos minutos nas mãos de alguém que faria melhor uso deles — Ciro Gomes, por exemplo.

Uma coisa é certa nesta Copa. Para conquistar seu bicampeonato, Fernando Henrique vai suar a camisa tanto quanto a seleção em busca do tetra.